



ORÇAMENTO DE ESTADO

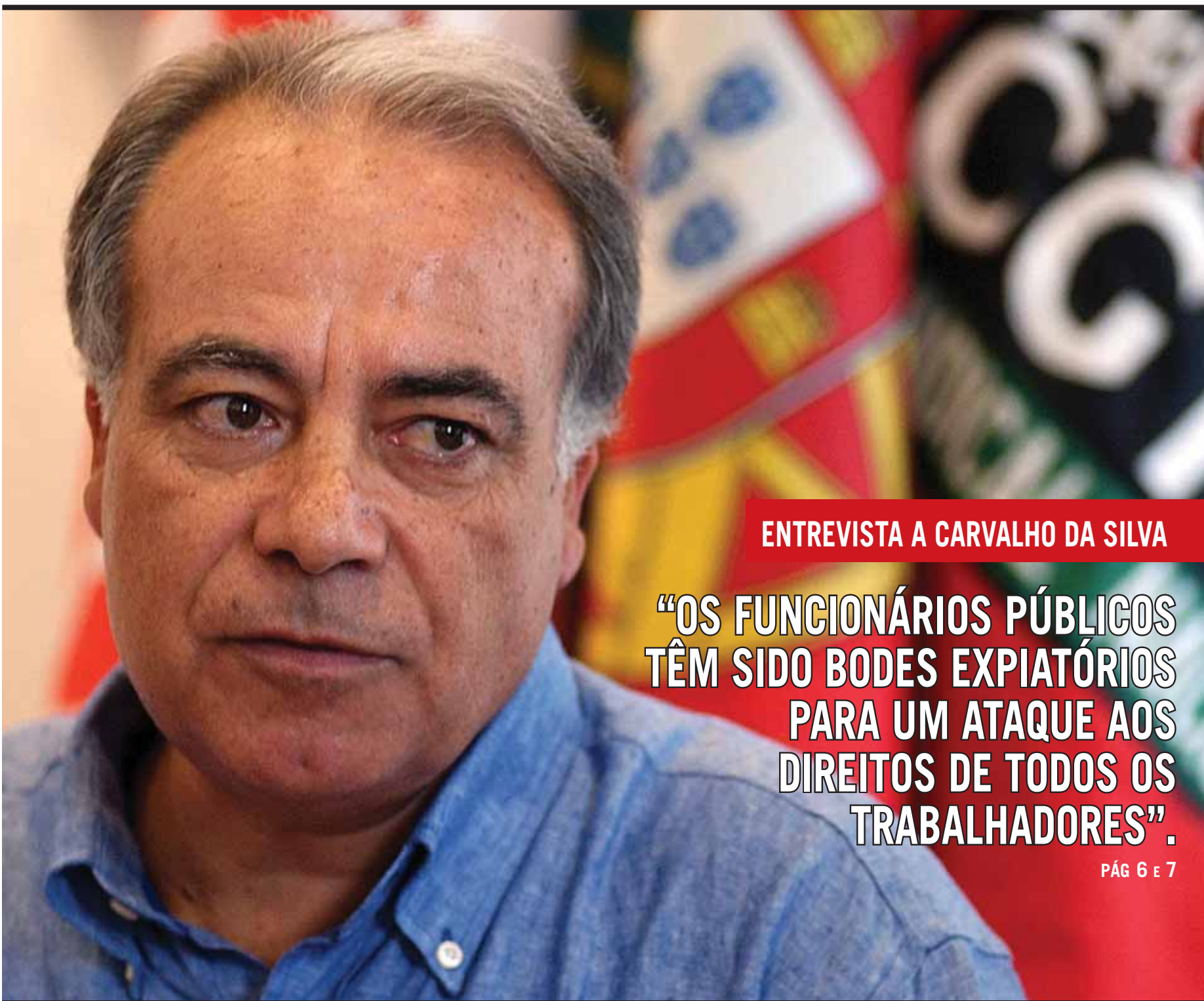
A obsessão pelo negócio veio para ficar. A “Estradas de Portugal”, é um bom exemplo das mentiras do governo de José Sócrates. PÁG 2 E 3



ESQUERDA

Nº 24 | 50 CÊNTIMOS | NOVEMBRO 2007 | MENSAL

JORNAL DO BLOCO DE ESQUERDA | WWW.ESQUERDA.NET



ENTREVISTA A CARVALHO DA SILVA

“OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS TÊM SIDO BODES EXPIATÓRIOS PARA UM ATAQUE AOS DIREITOS DE TODOS OS TRABALHADORES”.

PÁG 6 E 7

ALTA TENSÃO

Serão os postes e as linhas de alta tensão assim tão prejudiciais, ao ponto de motivarem esta onda de contestação popular sem precedentes no nosso país? PÁG 4





FRANCISCO LOUÇÃ

“A OBSESSÃO PELO NEGÓCIO VEIO PARA FICAR”

O Bloco votou contra o Orçamento de Estado proposto pelo Governo, considerando que ele agrava o desemprego e o endividamento das pessoas ao mesmo tempo que facilita os negócios e os privilégios fiscais. O novo imposto disfarçado de “contribuição sobre serviços rodoviários” para financiar uma empresa a privatizar - as Estradas de Portugal - é um dos exemplos desta obsessão pelo negócio. ENTREVISTA DE LUÍS BRANCO

Durante anos exigiram-se sacrifícios aos trabalhadores para chegar aos 3% do défice. Mas o Pacto de Estabilidade e Crescimento impõe a redução do défice para 0,4% do PIB para 2010. A obsessão do défice do governo Sócrates veio mesmo para ficar?

A obsessão do défice sempre foi um disfarce. Quando se chega aos 3%, descobre-se logo a seguir que ainda só se chegou a metade do caminho: em 2009 e 2010 é preciso reduzir tanto quanto se reduziu em 2005, 2006, 2007 e 2008 juntos. Ora, o que sempre esteve em causa foi uma política para entregar aos sectores privados algumas das responsabilidades do Estado, desfazendo os

serviços públicos em particular na saúde e na segurança social.

Este Orçamento vai de novo nesse sentido, com a continuação da privatização da Rede Eléctrica Nacional e com a transformação da Estradas de Portugal em sociedade anónima para ter 50% de capital privado. Acontece ainda, neste caso, que essa empresa vai gerir as estradas do país até 31 de Dezembro de 2009 e que vai ser financiada por um imposto, a Contribuição sobre os Serviços Rodoviários. Teremos assim um imposto para pagar o rendimento de capitais privados. Essa obsessão pelo negócio veio para ficar.

Em 2008 vai crescer o desemprego e os benefícios fiscais ao off-shore da Madeira. Afinal quem mais ganha e quem

mais perde com este Orçamento?

Durante o ano de 2007 registou-se uma duplicação dos negócios na zona franca da Madeira. Estavam previstos benefícios fiscais de 1000 milhões de euros e estima-se que chegue a 1790 milhões. Por outras palavras, houve 7160 milhões de euros de lucros que não foram tributados. Compare-se este valor com o que a Madeira fica a perder com a nova lei de finanças regionais, que foram 61 milhões, trinta vezes menos. Ora, o governo prevê que no próximo ano ainda voltam a aumentar os benefícios fiscais na Madeira.

Outros benefícios fiscais são criados pelo Orçamento, em particular com os “business angels”, os anjos dos negócios, empresários individuais que passarão a

ter os benefícios das sociedades gestoras de participações sociais.

Face a esta realidade, a escolha de não fazer nada quanto ao desemprego é muito grave, e muito reveladora. O desemprego vai continuar a aumentar, vai continuar muito acima do nível de 412 mil desempregados que Sócrates encontrou quando chegou ao governo.

O Bloco tem chumbado os sucessivos Orçamentos, mas apresenta sempre no parlamento propostas concretas de emendas. Este ano há alguma que possa obter o apoio da maioria dos deputados?

Até agora, têm sido sempre aprovadas algumas - poucas - propostas do Bloco e de outros

partidos de oposição. No ano passado, foram aprovadas algumas medidas sobre a justiça fiscal. Não sei o que acontecerá este ano.

Em qualquer caso, o Bloco apresentará propostas sobre os impostos, sobre política ambiental, sobre os serviços de saúde e educação, sobre os direitos das mulheres. Já anunciou cinco emendas concretas: a criação de uma bonificação no juro para as famílias endividadas que tenha sido atingidas pelo desemprego, o combate a fraudes fiscais com mapas de ajudas de custo e com compra fictícia de empresas, o fim da isenção de IMI para o Estado e para os grandes negócios turísticos e o restabelecimento da Estradas de Portugal como empresa pública.



ESCOLA PÚBLICA PELA IGUALDADE

TEXTO DE MIGUEL REIS. FOTO DE ANDRÉ BEJA

Faz agora um ano e seis meses que José Sócrates visitou a Finlândia. A visita teve pompa e circunstância e a imprensa portuguesa anunciava que o Primeiro Ministro ficou “impressionado” com o sistema de ensino finlandês, enfim, um modelo de sucesso, um modelo a seguir.

Ficou bem a Sócrates escolher como exemplo um sistema em que 99% dos alunos terminam com sucesso a escolaridade obrigatória. Afinal, sendo o combate ao insucesso escolar a palavra de ordem da sua Ministra, a Finlândia fica sempre bem na fotografia da propaganda.

Mas depois de dois anos e meio de maioria absoluta do Partido Socialista o único resultado a que o Governo se agarra é a redução da taxa de abandono escolar de 40% para 38%, graças aos Cursos de Ensino e Formação para alunos do 8º ano. Precisamente aquilo que a Finlândia nunca fez: o currículo é o mesmo para todos os alunos até aos 16 anos de idade, e o sucesso escolar não depende de saberes para “pobres” e saberes para “ricos”.

Mas as diferenças com o modelo “preferido” de Sócrates não se ficam por aqui. Na Finlândia o en-

sino até aos 16 anos é integralmente gratuito, ou seja, não se pagam taxas de inscrição, nem material escolar, nem transportes, nem manuais, nem cuidados médicos. Por cá, o Governo recusou a proposta de gratuitidade dos manuais escolares através de um sistema de empréstimos universal e continua a propagandear a ideologia da caridade com a Acção Social Escolar, cujo primeiro escalão só abrange um ínfima parte dos estudantes.

Na visita à escola Finlandesa, Sócrates impressionou-se com a existência de dois professores na sala de aula, quando os alunos manifestam dificuldades adicionais. Por cá, o Ministério fez um despedimento colectivo de 13 mil docentes e 44 mil candidatos a professor ficaram de fora. Na Finlândia os alunos quase não fazem exames e nem por isso deixam de aprender. Por cá é cada vez mais visível a cedência do Governo ao autoritarismo do CDS/PP, para quem a selecção e exclusão proporcionada por exames e mais exames é a condição para filtrar “os melhores”. Na Finlândia não há escolas degradadas, por cá um estudo da DECO revela que quatro em cada cinco escolas apresentam má qualidade do ar e falta de aquecimento. Na Finlândia o Inglês é

ensinado desde cedo e assumido pela escola pública, por cá o governo decidiu privatizar as aulas de inglês entregando-as às Câmaras Municipais que as passam para empresas privadas que pagam menos de 10 euros à hora aos tais professores desempregados. Na Finlândia, os filhos de imigrantes aprendem também na sua língua de origem, por cá o Governo rejeitou a proposta do Bloco que permitia introduzir o ensino bilingue nas escolas. Na Finlândia, todos os adultos podem voltar à escola, em qualquer altura, para aprenderem o que faltou aprender, por cá o Governo vai encerrando os cursos nocturnos para apostar na cosmética das “novas oportunidades”. Na Finlândia os rankings não são públicos mas as escolas com piores resultados, de zonas mais pobres, recebem apoio financeiro. Por cá os rankings são públicos e tudo fica na mesma, as piores escolas continuam piores e as melhores recebem os melhores alunos.

Finalmente, Sócrates ficou “impressionado” quando ouviu que na Finlândia os melhores alunos querem ser professores, “não por causa do salário, que até nem é muito elevado” mas sim por causa da “respeitabilidade social”. E o que fez este governo pela “respei-

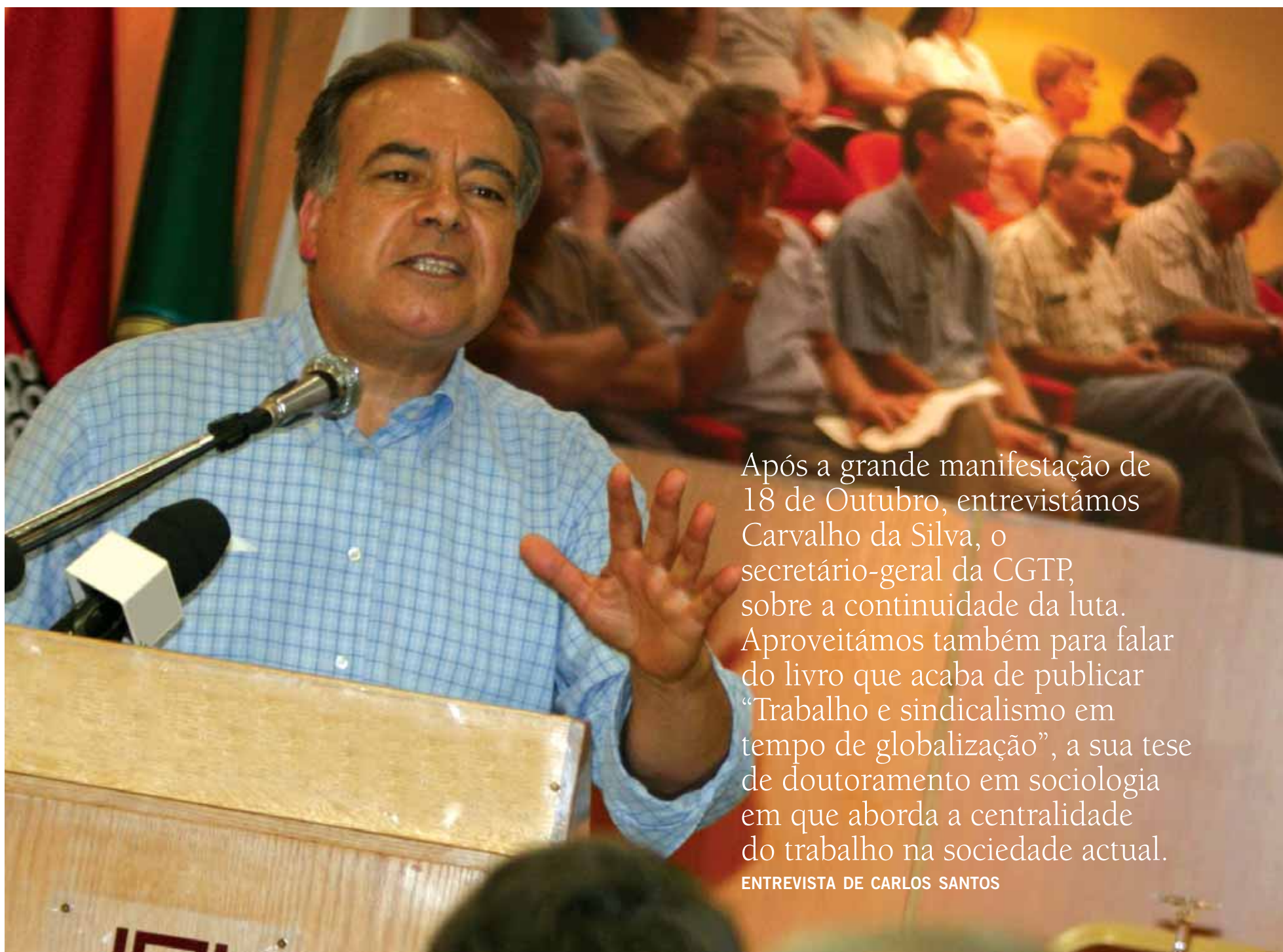
tabilidade social” dos professores?

Este abismo entre a Finlândia e as políticas do Governo Português tornou-se ainda mais claro depois da intervenção de Paula Rauhaula, do Conselho Municipal de Educação de Helsínquia, no Fórum da Educação, iniciativa promovida pelo Bloco de Esquerda no último fim de semana de Outubro, em Lisboa.

O Fórum da Educação juntou dezenas de professores, alunos, investigadores, sociólogos, pedagogos, todos por um novo compromisso em defesa da escola pública. Discutiui-se a democracia na sala de aula, os mecanismos de selecção nas escolas, ou os desafios da imigração. Foram no total sete sessões de debate, abertas à participação de todos e todas. Com uma tónica importante: falou-se mais de alunos do que de professores, falou-se mais de escola do que de carreiras. Nesse sentido, quero aqui recordar uma ideia muito vencedora pelo José Soeiro, que no encerramento prendeu os olhares dos jornalistas, meio espantados, meio encantados: “a melhor cidadania que se aprende na escola é quando podemos faltar às aulas e pintar faixas para nos manifestarmos, a melhor cidadania é a que se aprende exercendo-a” acrescentan-

do que as “aulas de substituição” são jaulas que abafam quem quer descobrir o mundo. Eu acrescentava apenas que, sendo essa a “melhor cidadania” ela mostra também o vazio democrático em que a escola se tornou. São precisas ideias, são precisos alunos interventivos, são precisas escolas dinâmicas com professores que se batam por projectos, que se batam por outra sala de aula, por outra escola, por outra educação, e que não tenham receio de abalar o conformismo, o imobilismo, a burocracia e as pequenas e incontestadas coutadas que se perpetuam no poder em muitas escolas.

Em comum ficou essa vontade de que não nos encontremos apenas daqui a dois anos. Em comum ficou uma ânsia legítima de começar a agir, de começar a marcar a diferença em cada escola onde cada um/a de nós existe. Porque, para lá do discurso sindical (importante mas sempre limitado) é preciso unir vontades e experiências por um novo movimento, com os professores à cabeça, que em cada escola e na sociedade possa lutar por uma educação diferente, por uma escola democrática, inclusiva, onde aprender seja uma satisfação e não um sacrifício. O desafio está lançado.



Após a grande manifestação de 18 de Outubro, entrevistámos Carvalho da Silva, o secretário-geral da CGTP, sobre a continuidade da luta. Aproveitámos também para falar do livro que acaba de publicar “Trabalho e sindicalismo em tempo de globalização”, a sua tese de doutoramento em sociologia em que aborda a centralidade do trabalho na sociedade actual.

ENTREVISTA DE CARLOS SANTOS

“OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS TÊM SIDO BODES EXPIATÓRIOS PARA UM ATAQUE AOS DIREITOS DE TODOS OS TRABALHADORES”

Tivemos uma grande manifestação no dia 18 de Outubro. Mas parece que nem as 200 mil vozes que protestaram na rua foram suficientes para serem ouvidas por este governo. Que se vai seguir na luta da CGTP?

A CGTP, os trabalhadores portugueses e camadas muito amplas da sociedade, que se encontram descontentes, não têm outro caminho que não seja continuar a manifestar o seu descontentamento, exigir mudanças e forçar para que haja alternativas que correspondam à resolução desses problemas, que são de perda de salários reais para a maioria dos portugueses, do arrastamento de uma situação da economia que é de crescimento muito abaixo da média comunitária e, acima de tudo, uma distribuição da riqueza mais injusta.

Uma sociedade onde se vê que a pobreza aumenta e em que uma das causas significativas desta pobreza que aumenta são as retribuições salariais que são baixas; uma sociedade que está com

perda de direitos sociais, que está com aumento de desigualdades, de roturas de coesão social, territorial; uma sociedade que está com desequilíbrios crescentes e onde a própria democracia se vai fragilizando; então não resta aos trabalhadores e ao povo português outro caminho que não seja agir.

A pergunta leva-me a algumas considerações. Primeiro não é fácil que as reivindicações e propostas dos trabalhadores encontrem eco, porque há uma estratégia, seguida pelo primeiro-ministro Eng. Sócrates e pela sua equipa, de compromisso com os sectores representantes do capital, do poder económico e financeiro, que desvaloriza o protesto das pessoas. Chegam até a fazer uma certa ironia, muito dura para os trabalhadores, que é dizer “os seus protestos fazem parte da democracia”, mas com o pressuposto de que a solução de alguns problemas de ordem macro continua a passar pela intensificação da exploração de quem trabalha e que os protestos não vão ser decisivos para o futuro político do país, que pode



MANIFESTAÇÃO DE 18 DE OUTUBRO

FOTOS DE PAULETE MATOS



200 MIL POR UMA EUROPA SOCIAL



JORNADAS AUTÁRQUICAS'07

1 E 2 DEZEMBRO DE 2007
HOTEL ZURIQUE — LISBOA



Trata-se de um novo encontro a nível nacional de activistas locais e de autarcas, agora a meio do mandato que teve início em Outubro de 2005.

Teremos como objectivos:

- :: Estabelecer um espaço de debate em torno de eixos políticos que constituam a linha de coesão entre autarcas eleitos pelo Bloco
- :: Melhorar a capacidade propositiva comum da rede de activistas locais
- :: Promover a troca de experiências concretas entre regiões
- :: Iniciar o debate sobre a política para as eleições autárquicas de 2009

Reserva já o fim-de-semana de 1 e 2 de Dezembro na tua agenda. Inscreve-te e convida os autarcas e activistas locais da tua zona. Inscrições para: bloco.esquerda@bloco.org ou 21 351 05 10 ou 91 871 24 44 ou 96 982 63 71

A Comissão Nacional Autárquica



ESQUERDA.NET RENOVADO

O PORTAL ESQUERDA INAUGUROU NO DIA 1 DE NOVEMBRO UM NOVO GRAFISMO, UM NOVO ARRANJO DAS SECÇÕES E SECÇÕES NOVAS. QUISEMOS AREJAR O ASPECTO DO PORTAL, TORNÁ-LO MAIS ATRAENTE E DINÂMICO. O RESULTADO PODE SER VISTO EM WWW.ESQUERDA.NET. SUGESTÕES, CRÍTICAS E OPINIÕES PODEM SER ENVIADAS PARA ESQUERDA@ESQUERDA.NET.

Nova coluna cria mais dinamismo

A nova "terceira coluna" é completamente móvel, isto é, a ordem das secções é alterada de acordo com a sua relevância e actualidade. Cria-se assim uma segunda manchete, ao lado da notícia principal, que pode ser uma opinião, um vídeo, o dossier, um programa de rádio, uma fotografia ou fotogaleria.

Menu principal mudou de lugar

O menu das secções do Esquerda, que antes aparecia do lado esquerdo, veio agora para cima, tornando-se mais visível e deixando mais à mão a entrada directa para as principais secções: home, internacional, política, sociedade, vídeo, rádio, fotogaleria, opinião, dossier.

Mais notícias na primeira página

A área noticiosa foi ampliada na primeira página, agora com nove notícias renovadas diariamente. A notícia de abertura tem mais impacto gráfico, com uma foto maior.

Mais vídeos, mais presentes

Para ver o vídeo em destaque não é necessário sair da primeira página. Pode ser apreciado directamente.

Fotogaleria renovada

Foi totalmente redesenhada. Agora as fotografias da fotogaleria mais recente também podem ser apreciadas sem se sair da primeira página.



RSS alerta sobre as novas notícias

Aqui pode-se assinar o RSS do Esquerda. Ainda pouco difundidos, os RSS permitem que o leitor receba alertas sempre que uma notícia nova é publicada no portal. Para isso, é necessário fazer a assinatura do RSS Esquerda directamente em browsers como o Firefox ou instalar um leitor de RSS como o Feedreader.

Nova secção: ligação à Blogosfera

Aqui todos os dias é destacada uma frase de um blogue.

É a comunidade de leitores do Esquerda.

Aqui se publicam textos enviados pelos leitores, para opiniao@esquerda.net.

Dossiers Esquerda

À data de fecho deste jornal estavam já disponíveis 58 dossiers de temas tão variados como Direitos dos Imigrantes, Transgénicos, Zeca Afonso, Carnaval, Escândalos da Câmara de Lisboa, Revolução de Outubro. A não perder.

Menu de baixo abre para outras secções

Atenção: este menu não é igual ao de cima. Dá acesso a secções como Comunidade, Blogosfera, Arquivo, Jornal Esquerda, etc.

CUPÃO DE ASSINATURA JORNAL

A assinatura anual do "Esquerda" é de 8 euros (incluindo despesas de envio). Recorte ou fotocopie, preencha e envie este cupão juntamente com um cheque ou vale postal à ordem de Bloco de Esquerda para: Bloco de Esquerda, Av. Almirante Reis, 131, 2º, 1150-015 Lisboa

Nome

Morada

Cód. Postal -

Contribuinte E-mail

Cheque nº Banco

Queres fazer sugestões, críticas ou publicar a tua opinião no "Esquerda"? escreve para **Bloco de Esquerda - "Esquerda" Av. Almirante Reis, 131, 2º, 1150-015 Lisboa** ou esquerda@esquerda.net no caso de queres ver a tua carta publicada no jornal, o texto não poderá ter mais de 1000 caracteres e a decisão sobre a sua publicação está sujeita aos critérios editoriais da direcção do jornal.



“A SÉTIMA PORTA” E AS MUDANÇAS DRAMÁTICAS EM BERLIM NOS ANOS 30

ALDA SOUSA

“A Sétima Porta”, último livro do ciclo sefardita de Richard Zimler, leva-nos à Berlim dos anos 30, vista e contada por Sophie, uma jovem não-judia cujo irmão autista, Hans, é esterilizado e assassinado pelos nazis. O cosmopolitismo de Berlim vai cedendo lugar ao autoritarismo, ao anti-semitismo, à força bruta, discriminatória e assassina do regime nazi. Sophie move-se no meio de anões, gigantes, surdos, cegos e o livro evoca a esterilização forçada de 400 mil pessoas portadoras de deficiência, das quais 200 mil foram mortas. Zimler intima-nos a não esquecer esta tragédia. Fala-nos do seu processo de escrita. E também do seu próximo livro, um thriller passado no gueto de Varsóvia. ENTREVISTA DE ALDA SOUSA

Em “A Sétima Porta” tu tratas um tema pouco conhecido e muito perturbador, a esterilização forçada, na Alemanha nazi, de indivíduos “diferentes”, feita com a cumplicidade de muitos médicos.

Eu acho que para compreender isso temos de voltar aos anos 20 e 30 na Europa e nos Estados Unidos e ver a atmosfera. Tanto à esquerda como à direita, havia a ideia de que a eugenia era um programa positivo para a sociedade, que era possível e desejável melhorar a espécie humana através de acções que nós hoje em dia consideramos bárbaras, como, por exemplo, fazendo esterilizações. Hoje pensamos que isto é uma ideia fascista, nazi, mas na altura havia também pessoas progressistas que pensavam assim. Hoje em dia com tudo o que nós sabemos sobre genética,

não é possível, nem desejável evidentemente, tentar melhorar a espécie esterilizando pessoas cegas. É completamente absurdo! Mas justamente um dos objectivos do romancista é mudar o local, tirar o leitor de 2007 e colocá-lo, neste caso, em 1933. O que eu queria era entrar na cabeça de Sophie, a minha narradora, e olhar para tudo como se eu fosse uma jovem de 14 anos, em 1933.

Porquê uma narradora?

Na Alemanha dos anos 20, pela primeira vez numa sociedade ocidental foi possível, e desejável, uma mulher ter uma vida independente do marido, ser economicamente auto-suficiente e ter desejos reais de ir para a universidade, de ter uma profissão. De repente, em 1933, elas têm de voltar para

o “armário” e esquecer todos os desejos, todos os sonhos e ser lindas meninas, com tranças. Eu quis também falar da guerra de Hitler contra as mulheres. Optei por uma narradora que resiste, que não vai abdicar dos seus sonhos: ela quer ser actriz, quer ser profissional, quer ter uma vida plena, uma vida sexual, quer viajar e recusa abdicar dessas possibilidades.

As tuas personagens atravessam as contradições e as dificuldades desse tempo. Queres falar um pouco mais de como uma personagem como a Sophie se impõe na tua cabeça.

É realmente por acaso. No prefácio do livro, o narrador fala de

uma personagem, que é a tia Sophie uma senhora de mais de oitenta anos, que está no hospital, depois de um enfarte. Está muito frágil, muito sozinha e o narrador vai ajudá-la ao hospital. E é realmente uma transposição da minha vida com a minha mãe, depois do enfarte dela. Foi um período muito marcante, porque eu tive a oportunidade de conhecer a minha mãe já muito frágil e muito velha, como um pequeno pássaro, eu dava duchas à minha mãe e consegui conhecer o corpo dela e ela não tinha vergonha, então estabeleceu-se entre nós uma relação especial. O meu objectivo era simplesmente escrever um conto sobre esse período da vida da minha mãe e da minha.

Depois de ler o livro ficase com a ideia de que era impossível a acção passar-se noutra local da Alemanha que não Berlim. É assim?

Tinha de ser Berlim. Primeiro porque foi considerada a cidade mais sofisticada e cosmopolita do mundo, nessa altura. A questão principal - em parte a razão por que escrevi este romance - era perceber como foi possível um tipo como Hitler controlar o governo alemão e sobretudo Berlim. Mas Berlim era também importante porque, quando eu conheci o Alexandre Quintanilha, com quem vivo há 29 anos, acabei por conhecer também a mãe dele, que era de Berlim. E gostei muito dela. Lucy era uma pessoa simpática, inteligente, terna, e era alemã. Sendo judeu, eu tive, de um momento para o outro, de reavaliar a minha relação com a Alemanha e sobretudo com Berlim. Foi muito importante, depois da morte dela e depois da queda do muro, nós irmos, eu e o Alexandre, a Berlim procurar a casa dela. E, talvez por ver o fantasma de Lucy em Berlim eu senti-me totalmente à vontade, desde o primeiro momento.

Mas a Berlim de hoje é muito diferente da dos anos 30...

Eu voltei duas vezes a Berlim para pesquisar o bairro de Prenzlauer Berg onde, no livro, vive a família de Sophie. Da segunda vez, já com um guia da cidade de 1928, com um mapa fantástico e com listas dos cafés, dos hotéis e dos nomes das ruas, de tudo que eu precisava para escrever o romance em pormenor. A cidade mudou muito nos últimos 10 anos. Até os nomes das ruas! Há certas zonas que não têm absolutamente nada que ver com essa época. Potsdamer Platz, hoje em dia, é uma coisa pós-moderna, na altura tinha uma grande loja, tinha cervejarias. Quem lê a Sétima Porta volta para os anos 30 e para uma outra Berlim.

Mas, para mim, Berlim é realmente uma das personagens do livro. Sem Berlim eu não podia ter escrito este romance.

Falas de uma Berlim cosmopolita, aberta, mas também das

mudanças dramáticas que ocorreram num curto espaço de tempo.

Sim, penso que é um aviso para todos nós estarmos atentos e compreendermos que embora possamos viver numa sociedade aberta, tudo pode mudar num período muito curto. Por exemplo, os Estados Unidos de agora são um país diferente do da minha juventude. O fosso entre as pessoas ricas e pobres é muito maior hoje em dia do que era nos anos 60, e isso tem implicações em toda a sociedade americana, em termos de opções para os pobres, do sistema de saúde, da violência, etc.

Por isso, acho que é importante reconhecermos a possibilidade de tudo mudar num breve período de 5, 10, 15 ou 20 anos e nunca abdicarmos da responsabilidade de lutarmos para termos uma sociedade mais justa e melhor para toda a gente. E, curiosamente, voltamos ao tema da eugenia, porque nós pensamos às vezes que vivemos numa sociedade bastante civilizada. Mas eu penso que, daqui a 50 anos ou 100 anos, se tudo correr bem, vamos olhar para 2007 e perguntarmo-nos por que não era possível os homossexuais casarem-se em Portugal em 2007? Ou porque não havia um sistema nacional de saúde nos Estados Unidos em 2007 e as pessoas podiam morrer por serem transferidas de um hospital para outro por não terem seguro? Penso que há muita coisa para melhorar, há muita coisa que é considerada impossível de mudar que devemos exigir dos nossos governos e dos nossos políticos. Não esquecendo o que se passou em Berlim nos anos 30. Porque isso significa que pode haver retrocessos.

Tal como em “À procura de Sana”, também aqui há uma irmã mais velha que protege um irmão mais novo e dependente dela. Como surge a personagem de Hans?

Quando eu começo um romance não faço a mínima ideia de como vai acabar. Para mim, o processo de escrita é um processo de magia, em que o autor vai contando a história conforme as exigências dos próprios personagens. O Hans surgiu de repente. Eu estava a escrever uma primeira cena do livro, em que Sophie está com os pais, está irritada com a mãe e lá estava ele, o pequeno Hans, a descascar uma batata, muito lentamente, porque ele faz tudo muito cuidadosamente, muito lentamente... Sophie acha que ele é o Miguel Ângelo do descascar das batatas porque é muito cuidadoso. E ele surgiu. E eu disse, quem é este rapaz? E daí o resto do romance. Um personagem que surge do nada é fantástico para o escritor.

O que vai ser o teu próximo livro?

O romance que estou a escrever (e que não vai fazer parte do ciclo sefardita), é um thriller passado no gueto de Varsóvia em 1940 e 1941.